

A ESCRITA DE SI, O GÊNERO E AS PERFORMANCES DO “EU” EM O DIÁRIO DE FRIDA KAHLO

Autor: Dhébora Letícia Diniz Braga (1) ; Co-autor: Herbert Sousa de Araújo (2); Orientador:
Rosângela Melo Rodrigues. (3)

(1) UFCG, dheboradiniz@hotmail.com; (2) UFCG, herbertsdearaujo@gmail.com; (3) UFCG, rosangela-melo@uol.com.br

Resumo: Tendo em vista o crescente número de estudos feministas a partir da contemporaneidade, bem como os estudos de gênero e suas denominações, o presente artigo é um recorte de um trabalho de conclusão de curso, intitulado: "A escrita de si, a performance e a melancolia em O Diário de Frida Kahlo". Fizemos a análise da construção de Frida Kahlo em seu Diário, além de percepção das nuances que seu gênero traz para sua vida pessoal e midiática. Esse trabalho demonstra a importância do feminismo na vida de Frida, totalmente ligada ao seu gênero, que foi decisivo para os seus feitos como mulher e profissional. Frida foi uma das únicas mulheres a se destacarem no mundo da arte em seu tempo, sendo reconhecida internacionalmente, além de ter ficado bastante conhecida também por ser quem era: forte, independente, determinada, feminista. Nosso objetivo nesta pesquisa é apresentar a dualidade que há entre a Frida Kahlo como objeto da mídia capitalista, exemplo de empoderamento feminino e a Frida Kahlo relatada no Diário, triste, melancólica, que não aceita a vida que tem e nem suas condições pessoais, as enxergando como duas personificações da mesma pessoa. Para tal pesquisa, nos embasamos em estudiosos da área de gênero, tais como Miranda e Schimanski (2013), Godelier (1980), Bourdieu (2003); e na área de Escrita de si com Kingler (2006), Laddaga (2007), Foucault (1994) e Sarlo (1985)

Palavras-chave: Frida Kahlo; Feminismo; Escrita de Si; Gênero.

Introdução

O Diário de Frida Kahlo é uma obra organizada pela Editora X, nele há a presença de escritos de Frida Kahlo em que a mesma expõe alguns de seus momentos em vida. Ele pode ser considerado uma narrativa autoficcional, como também autobiográfica, pois relata sobre momentos vivenciados por Frida Kahlo ao longo de sua vida, assim como histórias e momentos criados por ela. Por não possuir datas em todas as narrativas e ilustrações, não sabemos ao certo quando a mesma escreveu com precisão, porém, é sabido que ela o iniciou em meados da década de 40. Suas descrições estão cheias de lembranças melancólicas de momentos vivenciados por ela, como também de momentos que a mesma gostaria de ter vivido, trazendo para o leitor a sensação de que a personagem viveu uma vida dupla (a vida fantasiada por ela e sua vida real). Frida Kahlo retrata sua forma de enxergar o mundo e como se vê representada diante dele; expõe seus maiores medos e desejos e prepara o leitor para conhecer a Frida Kahlo pouco conhecida, uma Frida frágil que vive através de um forte sentimento: a melancolia.

O presente artigo tem como principal objetivo perceber a importância do gênero binário na vida de Frida Kahlo, bem como suas escolhas pessoais e profissionais tendo em vista a sua posição como mulher no meio em que a mesma viveu. Além de perceber que há várias personificações de Frida Kahlo dentro e fora de sua arte, através da escrita de si como performance, teoria de Klinger. O Diário é o espelho do eu interior de Kahlo em performance, o retrato da vida vivenciada por ela, e da vida que ela gostaria de viver.

A pesquisa aqui desenvolvida é de caráter subjetivo e interpretativo e parte de um recorte de um trabalho de conclusão de curso, intitulado: “*A escrita de si, a performance e a melancolia em O Diário de Frida Kahlo*”. Para a realização da mesma, levantamos alguns dados a respeito da obra e autora; foram realizadas leituras teóricas sobre conceitos que respondem questões levantadas a partir da análise do *Diário*, além de interpretarmos analiticamente a obra como um todo.

Fundamentação Teórica

Através dos Estudos Culturais, a Escrita de si ganhou espaço no universo literário contemporâneo. Diários, autobiografias e narrativas em que o autor se coloca como protagonista começaram a ganhar notoriedade, sendo mais lidos e estudados a partir da contemporaneidade. A ideia de que quem escreve fala do que vive e de onde vive dá ao texto uma noção maior de realidade, aproximando cada vez mais o leitor que consegue enxergar essa realidade e, por vezes, se ver representado. O Diário de Frida Kahlo (2015) é um exemplo claro do que é a Escrita de si na contemporaneidade; através dos escritos Frida descreve o que seria a sua realidade mais íntima expondo para o leitor seus medos e anseios,

suas sensações mais sombrias e melancólicas, criando um grau de intimidade entre quem lê e quem escreve.

O Diário de Frida Kahlo (2015) oferece para a Escrita de si grande arcabouço em pesquisas por trazer os escritos de uma Frida não muito exposta pela mídia: melancólica, depressiva, frágil e dependente, criando o paralelo entre a pintora e ícone forte e independente conhecida internacionalmente, e a Frida descrita em seu diário (triste, opaca, infeliz) como se cada Frida relatada dentro e fora de seu diário recebesse papel e tivesse que atuá-lo, dando a essas descrições um tom autoficcional.

1. Quem foi Frida Kahlo

A grande protagonista do Diário, Frida Kahlo, nascida na cidade de Coyoacán, no México, em 6 de julho de 1907, mal sabia que se tornaria uma pintora de sucesso. Quando jovem, estudou para cursar medicina, porém não concretizou seu sonho por ter sofrido um acidente gravíssimo de bonde fraturando a região pélvica. Uma barra de ferro atravessou seu corpo fazendo com que a mesma sofresse uma fratura na coluna vertebral. Frida, que já tinha uma pequena atrofia na perna direita devido a uma poliomielite contraída quando criança, piorou com a pressão medular herdada do acidente. O acidente trouxe para Frida mais de 27 cirurgias ao longo de sua vida, a maior parte sendo realizadas nos Estados Unidos, algumas para corrigir a osteomielite, outras para abortar por não conseguir manter o feto durante as gestações. A última cirurgia a que foi submetida antes de sua morte foi para amputar a perna direita, que começara a gangrenar. Essa amputação teve um impacto significativo em Frida, que escreveu na obra analisada por mim nesta pesquisa: “pés para que os quero se tenho asas para voar?” (KAHLO, 2015, p. 1).

Por consequência do acidente, Frida Kahlo ficou impossibilitada de andar durante sete meses, com o corpo engessado, tendo livres apenas os pés e as mãos. A partir dessas condições nascia a pintora. De início começou usando os pincéis e as tintas do pai, que era pintor bissexto. Mais conhecida como pintora surrealista, Frida Kahlo não se via como tal, acreditava que não poderia receber essa classificação já que não pintava sonhos, mas sim a si mesma em sua realidade. Seu maior mentor foi Diego Riviera, homem a quem esteve ligada durante toda sua vida desde os 20 anos de idade, relação essa extremamente conturbada e movida por obsessão por parte de Frida; o relacionamento deles influenciou diretamente a obra da artista. Junto a Diego, Frida fez parte do partido comunista do México, dedicando parte de sua vida às atividades da vertente política, participando por vezes de ligas clandestinas, como a Liga Jovem Comunista, em manifestações nas ruas e em reuniões do Partido Comunista Mexicano.

Além da produção dos quadros Frida também escrevia poemas, porém não muito conhecidos, alguns deles publicados em seu diário. Sua obra é bastante extensa, apesar do pouco tempo de produção, e o que nos impressiona é a posição que Frida Kahlo exerceu para a época em que vivia. Mulher forte, foi uma das primeiras pintoras mexicanas a se sobressair através de sua arte, e por mérito dela era/é bastante respeitada além de seu país. A partir disso, observando sua obra atrelada a sua vida, percebemos quão atual é a história de Frida Kahlo, tendo em vista o feminismo ligado ao seu modo de viver, bem como a

importância que sua escrita possui tornando-se objeto de estudo também para a literatura contemporânea.

1.1 A escrita de si e as performances do “eu” no Diário

Na contemporaneidade, a escrita de si recebe novas formas de estudo acrescentando a literatura novas visões sobre o objeto estudado, geralmente deixando de lado a ideia do que seria a veracidade dos fatos ou a ficção dos mesmos. Na escrita de si não há de modo muito nítido a definição e separação de real e ficcional, resultando da modificação do que seria referencial segundo a literatura canônica. O Diário pode ser considerado gênero textual escrita de si, por ter uma narradora/autora que fala de si mesma, sendo sempre o tema de suas narrações, abrindo portas para que o leitor a conheça intimamente, ou conheça o que ela quer mostrar em suas descrições.

A escrita de si ganha espaço na contemporaneidade por exercer o papel de espelho e sintoma da sociedade atual. Afinal, vivemos em uma sociedade em que a mídia incentiva a visibilidade do privado e a exaltação do sujeito, os reality shows recebem muita audiência através da exposição do íntimo das pessoas (suas convivências e divergências), as redes sociais funcionam para exibir o pessoal e privativo, e o narcisismo ganha força a partir da exaltação da exposição da intimidade. Por consequência, a escrita de si, com a exposição do autor diante do que ele descreve sobre si (mesmo utilizando a ficção), herda interesse do público.

Klinger (2006), ao citar Foucault (1994) destaca que a escrita de si não seria somente um registro do eu, porém – desde a Antiguidade clássica até os dias atuais – faz parte da constituição do próprio sujeito e performa a noção de indivíduo. A autora, também citando Geertz (1989, p.11) ainda relata que para entender melhor a escrita de si é válido também entender o que seria uma escrita etnográfica, revelando que a partir da antropologia um etnógrafo/escritor não poderia levar como verdade o que observa e relata sobre uma cultura ou realidade diferente da sua; ele estaria, portanto, realizando uma interpretação de segunda ou terceira mão. Esse mesmo etnógrafo, ou escritor, só poderia realizar uma interpretação de primeira mão se fizesse parte dessa realidade ou cultura, já que está inserido na mesma e vai relatar sobre o que/quem ele é, mesmo que usando ficção. “Trata-se, portanto, de ficções: ficções no sentido de que são “algo construído”, “algo modelado” – o sentido original de fictio – não que sejam falsas, não factuais ou apenas experimentos do pensamento.” (Klinger, 2006, p.14)

No *Diário* (2015) percebemos que a autora retrata bem a realidade em que está inserida, fazendo uma interpretação de primeira mão, já que ela conta no Diário como enxerga e interpreta sua realidade e tudo o que acontece ao seu redor, passando para quem lê a sensação de conhecer seu lado mais íntimo.

2. Gênero e Frida Kahlo - Dois debates que andam juntos

Ao debater sobre gênero, poderíamos em primeiro lugar trazer à tona sua definição. Do latim *genus*, o termo gênero significa raça, extração, família; o termo foi usado de início pelo movimento feminista americano, com o objetivo de mostrar a título de caráter social

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br
www.generoesexualidade.com.br

as distinções baseadas no sexo. O termo passou a ser mais estudado através do movimento feminista, com a ideia de que a partir dele, seriam realizadas novas pesquisas com o objetivo de haver uma nova avaliação sobre a história tendo em vista a participação feminina.

Visualizar o gênero, classe e raça como categoria de análise dos estudos científicos é a prova de que passa a existir um espaço, através das lutas das minorias, que incluem as vozes de sujeitos excluídos, marcando a existência das desigualdades de poder que se estabelecem através dessas três vozes principais: classe, gênero e raça, ou seja, falar de gênero também é pensar em minorias e movimentos sociais, já que gênero está totalmente relacionado às relações de poder, assim como as demais classes minoritárias estão. Miranda e Schimanski (apud. Carrara e Heilborn, 2009, p.9) atentam para o fato de que o conceito de gênero (tendo em vista as ciências sociais e humanas) se refere à construção social do sexo anatômico. Ou seja, gênero significa que mulheres e homens são produtos da realidade social e não são decorrentes da anatomia de sua biologia.

O gênero vem sendo construído histórico e socialmente a partir das relações de poder, há uma diferenciação na educação familiar e social entre homens e mulheres. Na sociedade, há a construção de cidadãos e cidadãs com papéis totalmente diferenciados, em que esses papéis já são pré-determinados muito antes do nascimento. Essas pré-determinações acompanham o ser até sua vida adulta, Miranda e Schimanski atentam para o fato de que

aos homens, por exemplo, é relegado o espaço, o poder e a liberdade, portanto o carro, o cargo, a política, e o domínio público. Às mulheres a serenidade, o trato com as coisas da natureza, a solidariedade, o cuidado, o carinho, a delicadeza, a obediência, a maternidade vivenciada desde a infância ao brincar de boneca, o dever de servir e o limite do espaço privado. Nesse sentido, a herança filosófica tem definido por muitos séculos os espaços onde mulheres e homens devem estar, bem como a forma com que devem se comportar. (MIRANDA; SCHIMANSKI, 2013)

Ou seja, encarar o gênero como categoria de análise nos ajuda a questionar as definições e os espaços que são concedidos bem como os comportamentos que marcam homens e mulheres baseado tão somente no sexo biológico. A diferença a partir da anatomia entre homens e mulheres, tendo em vista os órgãos sexuais são encaradas como justificativa natural para defender a discrepância social entre os gêneros, pensando principalmente no âmbito profissional. A subordinação feminina é encarada como natural, diante da dominação do homem na história. A mulher perde a voz e o espaço no contexto histórico, social e cultural.

A partir do movimento feminista, recebemos a proposta da existência de uma conversão tendo em vista a desigualdade de gênero, com os estudos feministas e a conscientização da quebra da desigualdade. Bourdieu (2003) fala que para conseguir a ruptura dessa desigualdade é necessária uma transformação radical para além da consciência, precisa ter uma ruptura nos padrões rudimentares e tradicionais, com o posicionamento do movimento feminista e a mudança das relações trabalhistas e sociais.

Frida Kahlo no século XX, quebra a noção de desigualdade se posicionando diante de seu meio de trabalho, sendo conhecida e reconhecida internacionalmente, por suas pinturas e sua vida individual e sendo reconhecida como uma mulher à frente de seu tempo. Para isso, analisaremos escritos retirados do Diário de Frida Kahlo, obra a qual ela se dedica durante décadas de sua vida. Perceberemos na análise as marcas do feminismo intrínseco na obra de Frida, bem como a construção que há entre a Frida feminista marcada e vendida pela

imprensa, e a Frida encontrada no diário, a que se martiriza por ser quem é.

A construção da personagem e a escrita como performance em *O Diário* de Frida Kahlo

- **A personagem Frida Kahlo**

Ao nos depararmos com a história de Frida Kahlo, perceberemos algumas características muito discutidas sobre sua personalidade. A primeira de todas é que Frida Kahlo seria considerada uma mulher à frente de seu tempo, por ser mulher conhecida internacionalmente e ter seus casos extraconjugais e bissexuais expostos para a sociedade da época, além de possuir um relacionamento aberto com seu esposo. Frida recebe essa característica primeiro por quebrar o tabu de relacionamento monogâmico; segundo por ser mulher e provar que tinha o mesmo direito de se envolver com quem quisesse na relação construída por ela e seu esposo Diego Rivera, terceiro por viver com intensidade sua vida independente de seu gênero e o peso que ele traria para a época.

Uma segunda característica seria a de mulher forte e determinada que viveu intensamente apesar de suas limitações. Frida Kahlo possuía diferentes limitações físicas por ter sofrido um acidente de bonde em 1925 em que uma barra de ferro atravessou sua coluna, fraturando-a e esmagando sua pélvis, além de ter um dos pés quebrados, que a fez passar por várias cirurgias ao longo de sua vida. Usava roupas longas que cobriam sua atrofia no pé esquerdo e as marcas de cirurgia em seu tronco. Teve a saúde bastante fragilizada, porém isso nunca a impediu de ir atrás do que queria. Começou a pintar após sofrer o acidente citado. Precisou ficar acamada durante certo tempo e começou a desenvolver o amor pela pintura através de seus autorretratos. A partir disso, sua carreira de pintora chegou a lugares jamais imaginados por Frida, foi uma das poucas mulheres que se destacaram na pintura (um reduto sempre muito masculino), com isso se tornou o grande ícone que conhecemos.

Com fortes traços em seu rosto, sobrancelhas marcadas e juntas, pêlos à mostra acima de seus lábios, Frida Kahlo não se sujeitava aos padrões de beleza impostos na sociedade, e ainda hoje contribui para que mulheres de todo o mundo não se definam por modelos limitados de beleza. Seu padrão era ser ela mesma, sua sensualidade era qualidade conhecida e comentada por todos que conviveram com a pintora.

Narcisista, sempre gostou de ser fotografada; seu pai Guillermo Kahlo, a utilizava como modelo desde criança e isso não mudou depois que a artista cresceu. Seu narcisismo encontrou novas formas de se expressar, através da pintura com seus autorretratos e de matérias que saíam na mídia de sua época. Por ter um relacionamento aberto e muito conturbado com Diego Rivera (seu marido e grande pintor de sua época), essa relação era muito comentada nos jornais e revistas, ampliando seu narcisismo e tornando-a sempre motivo de comentários na sociedade em que viveu.

Mulher forte, determinada, além de seu tempo, Frida Kahlo teve características conhecidas e ovacionadas até hoje pela mídia. A artista recebeu o título de símbolo feminista na atualidade e sempre é assunto nos tabloides da internet e nas revistas que debatem feminismo. A Frida Kahlo construída e defendida pela mídia com as características aqui citadas se porta de outras formas no *O Diário* (2015). A partir de uma primeira leitura do

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br

www.generoesexualidade.com.br

Diário, percebemos de imediato a melancolia, a dependência e a depressão de Frida Kahlo descritas em algumas folhas; sentia-se sozinha e enxergava a si mesma e a sua própria existência diante de um único ser humano: seu marido. A Frida que viveu em um relacionamento abusivo e não quis deixá-lo de lado, que se via despedaçada, sem poder ter filhos, sem ter amigos ou família que a acolhessem totalmente e, em seu último escrito antes de morrer, agradece pela partida. Poderíamos, portanto, atribuir a Frida diferentes papéis? A Frida Kahlo conhecida midiaticamente poderia ser um personagem? Ou a Frida Kahlo descrita em seu *Diário* seria mais uma personificação de muitas “Fridas” que existiram? Sua escrita pode ser considerada ficção ou autobiografia? A escrita de Frida em seu diário se portaria como uma performance para que ela expusesse o que realmente sentia por trás da mídia e de todo o glamour que viveu? Quantas “Fridas” cabem em uma só? Essas questões vão embasar nossa análise de agora em diante.

Percebemos que Frida corresponde ao viés literário contemporâneo, a artista escreve sobre dor, representatividade, sobre se ver e se transpor diante do mundo; em alguns trechos ela relata sua infância, outros trechos trazem à tona sua vida adulta, mas nunca esquecendo o que viveu e de quem se tornou. Seus escritos estão repletos de lembranças e memórias do que passou e do que ficou (infelizmente) sem conserto em sua vida. Vamos pensar na Frida Kahlo que escreve agora como personagem, uma outra Frida que não deixa para trás a Frida conhecida midiaticamente, mas que dá espaço para que as duas (ou várias) convivam no mesmo âmbito. Algumas de suas memórias trazem à tona uma personificação de Frida Kahlo que já se percebia solitária desde muito nova, suas descrições provam que essa solidão foi se solidificando conforme o passar do tempo, como por exemplo, quando a mesma explica a Origem das duas “Fridas” na descrição (1) não datada no diário:

ORIGEM DAS DUAS FRIDAS

= Lembranças =

Eu devia ter seis anos quando vivi intensamente a amizade imaginária com uma garota mais ou menos da mesma idade. Na janela do que então era meu quarto dando para a rua de Allende sobre um dos vidros mais baixos da janela, eu soprava meu “bafo”. E com um dedo desenhava uma “porta”..... Por essa “porta” eu saía na imaginação, com grande alegria e muita pressa, cruzava o amplo terreno que dali eu via até chegar a uma leiteria que se chamava PINZÓN... Eu entrava pelo O de PINZÓN³ e descia impetuosamente às entranhas da terra, onde “minha amiga imaginária” estava sempre à minha espera. Não lembro de sua imagem nem da sua cor. Sei, porém, que era alegre – que ria muito. Silenciosamente. Era ágil. e dançava *como* se não tivesse peso nenhum. Observava os seus movimentos e enquanto ela dançava eu lhe contava os meus problemas secretos. Quais? Não me lembro. Mas minha voz bastava para que ela soubesse tudo de mim... Quando eu voltava à janela, entrava pela mesma porta desenhada no vidro. Quando? Durante quanto tempo havia estado com “ela”? Não sei. Podia ter sido um segundo ou milhares de anos... Eu era feliz. Apagava com a mão o desenho da “porta” e “desaparecia”. Corria meu *segredo* e minha alegria até o recanto mais afastado do pátio de minha casa, era sempre o mesmo lugar, embaixo de um grande cedro, gritava e ria. Pasma de estar *sozinha* com minha grande felicidade e a nítida *lembrança* da *menina*. Passaram-se 34 anos desde que vivi aquela amizade mágica e cada vez que a recordo mais ela se aviva e mais cresce dentro do meu mundo. PINZÓN, 1950, Frida Kahlo. AS DUAS FRIDAS. Coyoacán, Allende 52. (KAHLO, 2015, p.230)

Nesse trecho retirado do *Diário*, percebemos que a escritora faz uma alusão à criança que queria ser e à criança que ela se tornara. Em primeiro lugar, a amizade entre ela e seu “espelho contrário” teria grande intensidade e importância para a pessoa que narra, expondo dois mundos contrários. O primeiro, o mundo em que a personagem que narra a história está presente: o mundo em que ela sofre, se sente só e usa de sua imaginação para encontrar novos caminhos. O segundo, o mundo em que a narradora personagem imagina e observa: um mundo em que seu espelho, sua segunda personificação, é feliz e leve. “Não lembro de sua imagem nem da sua cor. Sei, porém, que era alegre – que ria muito. Silenciosamente. Era ágil. e dançava *como se não tivesse peso nenhum*”. Sua infância foi marcada por algumas doenças, seu corpo era bastante frágil, como já foi citado aqui (aos 6 anos Frida contraiu poliomielite e ficou com uma deficiência em seu pé esquerdo), percebemos, então, que a narradora sentia o peso de seu corpo e idealizava uma vida perfeita em que a leveza se fazia presente em gestos simples, como no dançar, por exemplo.

Percebendo algumas características contidas no *Diário* da personagem que vão de encontro algumas vezes com a Frida Kahlo conhecida internacionalmente, como por exemplo, a fuga do mundo real e o distanciamento de sua realidade presente em vários escritos, a sua não aceitação, sua dependência e seu ânimo de viver estando sob responsabilidade de uma só pessoa, seus estados depressivos e melancólicos, enfim, todos esses aspectos fazem-nos pensar a escrita de Frida Kahlo como performance, atentando para o fato de que a mesma seria na narrativa uma personagem que vive entre dois mundos (seu mundo imaginário que dá o poder de falar sobre todos os seus anseios, suas negações e viver como bem entender, e seu mundo real em que a mesma precisa se policiar em relação a sua própria vida, seus sentimentos e suas opiniões diante da sociedade em que vive), mas que usa da escrita de si como performance para a construção de alguém que ela realmente é e/ou gostaria de ser.

- **Escrita como performance no *Diário* de Frida Kahlo**

A partir do que analisamos até o momento, pudemos perceber que os escritos de Frida Kahlo em seu *Diário* (2015) se encaixam no que chamamos de escrita de si como performance. Frida escreve sobre si, expõe sua intimidade com o leitor e mostra para ele todos os seus anseios, suas lembranças e suas vontades. Levando em consideração o que já dissertamos até o momento, poderíamos julgar Frida Kahlo como personagem do que ela escreve, por não considerarmos como verdade absoluta todas as suas descrições. Usamos para isso a noção de que verdades são discursos e fazem parte de opiniões. A Frida Kahlo que descreve situações, sentimentos e memórias recebe o poder de fazer uso do real e do ficcional, mostrando um lado desconhecido pela mídia, assumindo o papel de personagem e contando histórias que podem ou não ter acontecido com ela como se estivesse atuando/performando.

Frida usa de performance para expor uma nova Frida Kahlo, talvez conhecida por poucos, mostrando que há diferentes versões de si. O *Diário* recebe o título de autorretrato íntimo, e pode ser considerado assim, já que a personagem seria o retrato de uma Frida íntima e pouco conhecida. Apesar de não estar datado como um todo, e nem contar gradativamente coisas do dia a dia, porém alguns escritos soltos, o *Diário de Frida Kahlo* parece ser um amigo íntimo que a escuta e entende suas dores, mesmo o leitor seguindo com a

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br
www.generoesexualidade.com.br

incerteza do que seria verdade ou não na sua escrita. Na descrição (2) importante de ser analisada, pensando em autobiografia e autoficção, seria a descrição que conta uma história inventada pela narradora, sobre um casal (Olho único e Neferísis) que se apaixonou e gera um filho (Neferúnico); esse filho funda uma cidade chamada “Lokura”:

Figura 1: Estranho casal da terra do ponto e da linha



Fonte: Kahlo (2015, p.207)

A partir da leitura da primeira figura (figura 1), podemos perceber que a narradora conta uma história diferente da que ela vive em sua “vida real”; os personagens recebem características parecidas com as dela e as de seu amado, Diego Rivera, como por exemplo, os traços dos rostos dos personagens principais lembram o casal, a mulher possui sobrancelhas grossas e juntas, que eram sua marca, além de seus olhos chamativos, assim como o seu marido/amado que tem também os mesmos olhos chamativos. O que acontece com eles na história se torna oposto de sua realidade. Frida Kahlo nunca pôde ter filhos e isso sempre foi uma questão que pesou muito em sua vida, inclusive tanto o aborto como os fetos foram tema de muitas telas da autora. Diante disso, a escritora cria uma história em que o final seria o desejado por ela, mesmo que ela (por enquanto) não faça parte da história diretamente. Vale salientar que o nome da cidade criada pela narradora diz muito sobre seus pensamentos diante dessa história. O filho que ela sempre quis ter cria uma cidade e a chama de “Lokura”, ou seja, os loucos vivem em um mundo próprio deles, e era dentro desse mundo que Frida podia sonhar e imaginar um futuro inexistente.

Figura 2: “Retrato de Neferúnico”



Fonte: Kahlo (2015, p.208)

A figura 2 traz a personificação de Neferúnico, o primogênito de *Olho Único* e *Neferésis*, a pessoa que fundou a cidade sonhada por Frida. O primeiro filho perdido por aborto, a maior perda da vida da artista. Frida Kahlo traz um membro de sua família imaginária, expondo sua vontade íntima de construir a família que nunca teve, e que só pode existir em um mundo baseado em sua loucura.

Figura 3: “Mundo Real”



Fonte: Kahlo (2015, p.209)

Logo em seguida há a pintura do “*mundo real*”, que difere do mundo imaginado pela narradora. O mundo real seria o mundo em que ela estava presente, mundo em que poucas pessoas desenhadas sorriem, a maioria está com aspecto de tristeza, medo e/ou confusão. Tudo está bagunçado e confuso no mundo real, todas as coisas se misturam.

Figura 4: “Eu sou a desintegração”



Fonte: Kahlo (2015, p.211)

Depois do “*mundo real*”, segue a pintura que recebe o título de “*eu sou a desintegração*”, na qual a narradora utiliza metaforicamente a frase para mostrar que a mesma não faz parte de seu mundo real nem de seu mundo imaginário; ela está desintegrada de qualquer um dos dois mundos. Sofre por estar presa no mundo real, apesar de não se sentir à vontade nele, e sofre por não viver como gostaria em seu mundo imaginário. Seus destroços são desenhados na pintura, suas partes estão quebradas, ela não é inteira em nenhum dos dois mundos.

A partir da análise das descrições, pudemos perceber que a narradora fala sobre si mesma e se torna personagem do que escreve e pinta, ao mesmo tempo que vive histórias em segundo plano, em mundos que não a pertencem, mas aos quais ela gostaria, por vezes, de pertencer. O mais importante se dá a partir da escrita de Frida Kahlo como

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br
www.generoesexualidade.com.br

representatividade de quem ela era e de como viveu, se essa mesma escrita dá voz a sua realidade e abre espaço para que outras pessoas consigam se enxergar a partir de seus escritos, e compreender questões socioculturais de seu tempo, como as condições de vida das mulheres, isso sim seria o mais importante.

Na descrição 4, a narradora traz para perto do leitor uma história que se dissocia de sua história real, seria um mundo imaginado por ela em que a loucura se tornou seu principal território e seus sonhos podiam ser realizados. Por fim, a mesma quebra a expectativa do leitor mostrando que não faz parte de nenhum dos dois mundos, se tornando a desintegração da realidade e da ficção.

Analisando a escrita de Frida Kahlo como performance, poderíamos nos questionar que personagem construída por ela é exposta no *Diário*. Frida Kahlo escreve por várias razões, uma delas seria a de mostrar uma Frida pouco conhecida. A Frida Kahlo que sofre não se aceita e não se enxerga no mundo em que está inserida. Podemos perceber também, a partir da análise de suas descrições, que a melancolia e a depressão são o grande cenário para os escritos de Frida Kahlo; a maioria das descrições acompanham um luto exposto, luto por ser quem é, luto por não conseguir ter filhos, luto por não ter uma relação estável, entre outros.

Considerações Finais

O *Diário* de Frida Kahlo recebe como uma das principais características a escrita de si como performance no *Diário de Frida Kahlo*, Frida Kahlo traz nas descrições uma Frida desconhecida midiaticamente, a Frida Kahlo que sofre, que expõe seu sofrimento e mostra que é frágil. A Frida Kahlo que sofre de amor, sofre por ser traída e por depositar em seu amado seu universo como um todo, se expõe para o seu leitor e mostra uma nova versão de si desconhecida por muitos. A escrita de si como performance no *Diário de Frida Kahlo* tem como objetivo expor a Frida desconhecida pela mídia em sua totalidade, que prefere não mostrar sua fraqueza e fragilidade e resignificar as características por quais ela era reconhecida para além de sua arte. Frida Kahlo mostra que também sofre, mas isso não desqualifica sua força e liberdade, porém faz parte de uma personificação desconhecida por muitos. Seus pesares mais íntimos caracterizam seu estado melancólico e expõem uma Frida Kahlo que vive depressiva, esperando à hora de partir, de morrer. Seu narcisismo reconhecido por muitos se distorce em suas descrições, sua não aceitação e sua vontade de fugir do mundo de exposição faz parte dos fatores que constroem a personificação de Frida na narrativa.

A personificação de Frida Kahlo assume diversas funções na narrativa, ela é a narradora, ao mesmo tempo que é personagem, além de ser ver como espectadora de sua própria história. A narrativa flui a medida que Frida Kahlo vai se destrinchando, no desenrolar de suas funções. Outra característica que chama atenção no *Diário* é que poucas são as

descrições que recebem a presença da marca temporal, Frida Kahlo escrevia desapegada de cronologia, apesar do leitor entender que o que está escrito vem em ordem crescente.

Nenhuma das definições, das descrições e das análises utilizadas até aqui diminuem o feminismo intrínseco em Frida Kahlo, uma mulher muito a frente de seu tempo, influenciou e influencia até hoje veemente o feminismo que conhecemos. Empoderada, forte, vítima de tantos sentimentos que a deterioravam, sempre utilizou de sua dor para fazer arte. Foi uma das primeiras mulheres do México a expor seus quadros internacionalmente. Seus ideais fortes nunca se deixaram abalar mediante suas condições. Frida era mulher, feia (segundo os padrões impostos pela sociedade), deficiente, impossibilitada de ter filhos (que, na época, era uma das únicas serventias da mulher), doente, que demonstrava ser muito mais além de qualquer pequena coisa, usou da sua força pra sempre fazer o que quis independente do seu gênero.

Referências Bibliográficas

BARCELLOS, Sergio. *Aproximações: Teorias Contemporâneas da Literatura, Identidade e Diários*. Terra roxa e outras terras – Revistas de Estudos Literários, Rio de Janeiro, v.9, 2007. Disponível em: www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol9/9_5.pdf Acesso em 18 de janeiro de 2018

COSTA, Claudia de Lima. *O tráfico do gênero*. Cadernos Pagu (11): trajetórias do gênero, masculinidades. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero/ UNICAMP 1998

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160. Disponível em: <http://eps.otics.org/material/entrada-outras-ofertas/livros/a-escrita-de-si-michel-foucault> Acesso em: 22 de dezembro de 2017

HERRERA, Hayden. *Frida: a biografia* / Hayden Herrera; tradução Renato Marques. – São Paulo: Globo, 2011. Título original: *Frida, a biography of Frida Kahlo*.

KAHLO, Frida. *O diário de Frida Kahlo: um autorretrato íntimo*. Tradução de Mário Pontes; Introdução de Frederico Moraes. 3ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

KLINGER, Diana. *Escrita de si como performance*. Revista Brasileira de Literatura Comparada. n. 12. 2008.

_____. *Escritas de si e escritas do outro*. Auto-ficção e etnografia na literatura latino-americana contemporânea; Tese de Doutorado em Letras. Literatura Comparada. Rio de Janeiro: UERJ, 2006.

MIRANDA, Tereza Lopes; SCHIMANSKI, Edina. Relações de gênero: algumas considerações conceituais. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus. (Org.). **Relações Étnico-Raciais, de Gênero e Sexualidade: Perspectivas Contemporâneas**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2014. p. 964-1342